

PASSAGENS...

Maria Beatriz



***“Melódica e colorida,
A valsa que rodopia,
Lembra sonhos de uma vida,
da Vida...que foi um dia.”
Maria Reginato***



PASSAGENS...

Passagem
da infância,
da juventude,
da maturidade.

Passagem
de entes queridos,
jamais esquecidos.

Passagem
de lugares amados,
no coração guardados.

Passagem
na imaginação,
na ilusão,
no sonho sonhado.

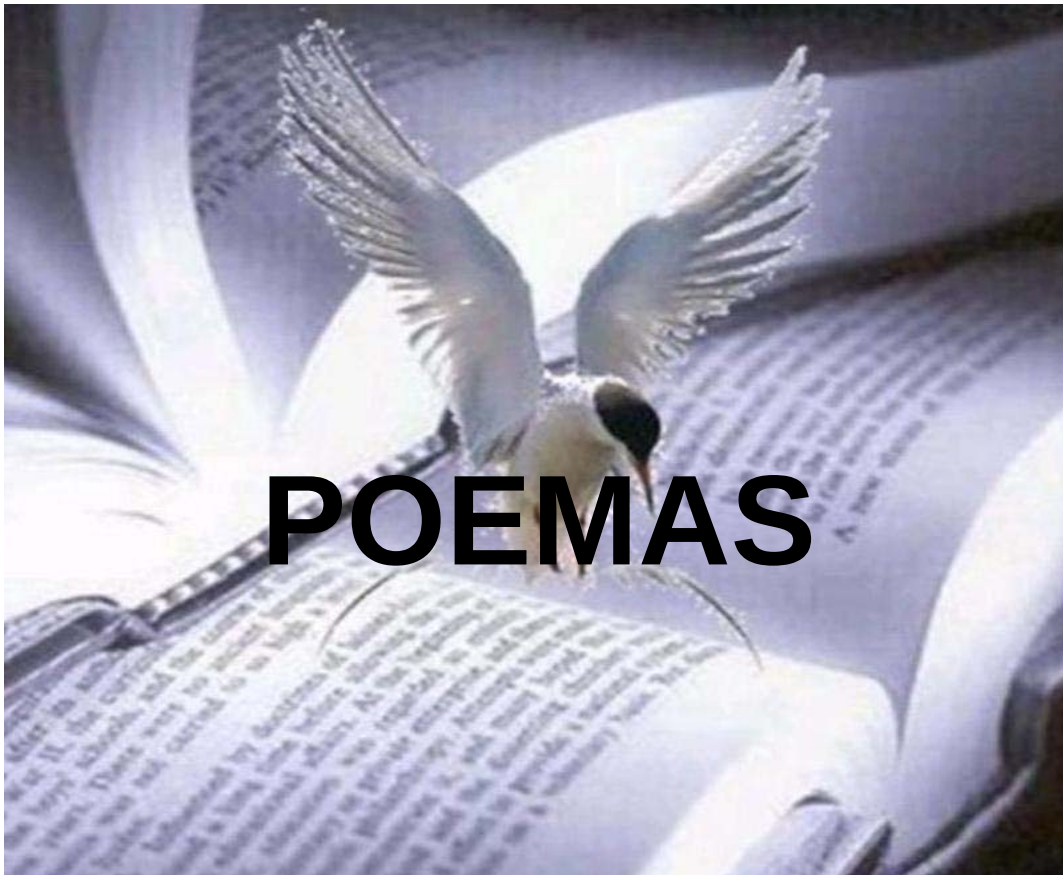
Passagem na lembrança,
réstia de esperança,
num talvez concretizado
de tudo idealizado...



*A todos, que cruzaram
meus caminhos,
A todos, que tanto amo.
A todos, que me deram a mão,
guardados no coração....*

ÍNDICE

POEMAS	6
Algumas Palavras.....	7
<i>Uma carta de despedida</i>	<i>8</i>
Aos que Partiram.....	11
A casa do amor	12
Recomeçar	14
O Grande Dia.....	15
Fim de romance	16
Alma nas “Palavras”	17
Ser Mais Gente.....	18
O balanço dos sentimentos	20
Encontro Interior	21
Meu “Guru”	22
Boneca.....	24
Sonho de simplicidade....	25
A Vingança	27
Rosinha e Zé Cantor	28
Sou Diná	29
HAICAIS	31
TROVAS	32
PROSA	34
Alguém fora do comum...	35
Festa Surpresa.....	36
Foi num sonho.....	37
As montanhas verdejantes	38
Desejos de Sonhos	39
Lágrimas.....	40
Atalhos Inesperados	41
Pinturas de lembranças.....	42
Uma história de amor.....	43
Armadilhas da Vida	44
Cartola, uma humilde camponesa.....	46
Mudança de vida.....	47
MINICONTOS.....	48



Algumas palavras

Pouco tenho a dizer
e muito a agradecer:
filhos, netos, irmãos,
sobrinhos e amigas queridas.

Meus textos não têm pretensão
e, na simplicidade,
expressam a satisfação
de esquecer a tristeza
das encruzilhadas da vida,
caminho só de ida..

E, assim, os livros foram surgindo: “Pedacos do Coração”
“Menina de Olhos de Noite”
“Encantamento”
“Entardecer”
“Folhas de Outono”
“Recantos Encantados”
“Gotas de Orvalho”

Além da participação, nas” Antologias”, coordenadas por Débora Novaes de Castro (Editora Vip Work Ed.-2008):

Poemas-“Canto do Poeta”
Trovas-“Espiral de Trovas”
Haicais-“Haicais ao Sol”

Todos eles brotados, na “Oficina de Criatividade”, juntamente com amigas, que jamais serão esquecidas.

Uma carta de despedida

Amada esposa e companheira,
Queridos filhos, nora, genros e adorados netinhos,
Dizer de amor e carinho por vocês é desnecessário.
Depois de ter formado um lar com minha amada companheira,
Com a graça de Deus, tudo girou em torno de vocês:
Saúde, educação... Tudo pensando em cada um.
E como isso nos dava alegria!
Às vezes, um pouco ranzinzas,
Às vezes, um pouco de braveza
Com esta ou aquela peraltice,
Mas o coração todo aberto
Para perdoar-lhes...
Todos para mim eram iguais,
Minha afeição não tinha limites.
Cresceram... Formaram-se
Começaram a luta pela vida.
Casaram-se, formando seus lares,
Já não éramos seis,
O lar aumentou com os genros e nora,
Surgiram os netos,
Quanta felicidade!
Continuem queridos, sempre amigos,
Unidos, dignos um do outro.
A partir de 16 de dezembro de 1937,
Minha adorada companheira e eu
Procuramos passar para vocês:
Exemplo, dignidade, alegria
E sobretudo amor.
Alguns de nossos bens
foram frutos de heranças,mas a maior parte foi adquirida
Com trabalho, economias
Não só minhas, como de minha amada companheira.
Cruzaram, em meus caminhos, amigos sinceros.
A todos, que me deram a mão, meus agradecimentos.
Se ofendi a algum, com palavras, ou atos,
Peço-lhe perdão.
Que este agradecimento se estenda inclusive
Às auxiliares, sempre boas e dedicadas,

A todos meus amigos e clientes.
Esta é uma mensagem de amor, de carinho,
A todos que conviveram conosco.
Em especial, essas palavras são dirigidas
A minha querida companheira,
A quem por tantos anos dediquei o meu amor.
Agradeço a Deus pela família que me deu.
Deixo a vida, meus queridos,
Certo de ter cumprido
Meus deveres de esposo e pai.
Lembrem-se de mim em suas preces,
Orem pela minha alma,
Beijos do marido
e do pai,que tanto os amou.....

O relóginho de ouro

Uma tarde de outubro,
Tristeza no coração,
Lembranças na saudade...
Seu apartamento, seu espaço,
Sua presença em cada objeto,
Em cada móvel, em cada roupa.
Só faltava ela, com seus olhos brilhantes,
Seu sorriso cativante,
Suas doces palavras,
Gentil, em cada atitude.
Sempre uma palavra amiga,
Sempre um apoio, uma motivação.
Sempre um mimo a oferecer:
Doces, bolachas, torta,
Além de revistas ou livros.
Nunca deixava de perguntar
Sobre todos de nossa família.
Pensativa, rememorava....
Nossas tardes gostosas, lendo textos,
Tomando o chazinho,
Naquele recanto tão aconchegante,
Tão cheio de ternura...
De repente, meus irmãos me chamaram,
Trazendo-me de volta à realidade.
Em fileira, pelo estreito corredor,
Entregaram-me um objeto,
Envolto em papel de seda:
"Abra-disseram-me eles-, é seu..."
Que surpresa, era o relóginho de ouro,
Usado por ela, no dia do casamento,
Presente de seu amado noivo.
Faltaram-me as palavras,
Apenas meu olhar cheio de emoção
Agradecia-lhes o inesperado,
O gesto tão carinhoso de cada um...

Aos que partiram

Amor
Belezas sem fim
Caminhos floridos
Deleites
Estradas ladrilhadas
Felicidade infinita
Gratidão dos que ficaram
Harmonia para sempre
Ilhas ensolaradas
Joias celestes
Luz irradiante
Mensagens dos amigos
Nunca tristezas
Orações do coração
Paz
Queridos para sempre
Reflexos de raios solares
Sorrisos dos anjos
Ternura da família espiritual
União esperada
Vozes carinhosas
Zelos a cercar

A casa do amor

Bela casa de esquina,
Com amor construída.
Quaresmeira a enfeitava
E também a sombreava.
Ah! o terraço amplo e espaçoso,
Como lá era gostoso!
Samambaias lhe ornavam,
Com suas rendas esverdeadas.
Ao entrar, o assoalho desenhos formava,
Num jogo de escuro e claro,
Naquela madeira lustrosa,
Sempre com esmero cuidado.
E os móveis, que lindos!
Com muito gosto escolhidos.
Nas paredes, quadros famosos.
Uma lareira havia, que a casa aquecia,
E a estante a circundava,
Com seus livros coloridos,
Sempre novos, mas já lidos.
Na copa, o “Capelinha”
Dava sonora a badalada,
Da hora sempre esperada.
A escada vamos subir,
Na curva em caracol,
Para outras coisas apreciar,
Com saudades no olhar.
No corredor, lá estava a zelar
Mãe Maria, sempre a nos abençoar.
Quatro quartos a aconchegar
Aquela família querida,
Que nunca será esquecida.
Lá fora o grande quintal,
Onde todos se agrupavam
E os risos ecoavam
Das histórias que contavam...
E aos domingos, a reunião

Dos que se amavam de coração.
Além do almoço bem –preparado,
Com pratos caprichados
E sobremesas apetitosas
Que a todos deliciavam.
Os seus donos já partiram
Para estradas mais brilhantes,
Pois nada é como antes.
Agora, é a vez do lar,
Que só serviu pra encantar
Aqueles que a souberam amar.

Recomeçar

Volto ao passado,
Com minhas trancinhas,
Uniforme, com as iniciais da Escola,
ETB, "Externato Teixeira Branco",
Muito quieta, tímida e devagar em tudo:
Para brincar, para correr, para falar,
Para escrever e, mesmo, para aprender:
Demorava séculos para reter um parágrafo, que fosse.
Apesar da disciplina rígida, sem muitas justificativas,
Para qualquer atitude do aluno,
Encontrei, no 1º ano, uma doce professora,
Que, com muito carinho, assim me dizia:
"Meu amor, sua letra não está boa,
Recomece, de novo, na outra página,
Tenho certeza de que fará uma folha caprichada".
E, ora segurava na minha mão, ora afagava-me a cabeça.
Assim, sentia-me com mais confiança
E conseguia traçar as letras....
Quantos anos se passaram de lá para cá...
A vida ensinou-me a ser mais ágil,
E aquelas palavras ficaram gravadas para sempre.
Hoje, tento virar as páginas mal escritas da vida,
Falo para mim mesma, isto não está bom,
O melhor é recomeçar de outro jeito,
Quem sabe me sairei melhor...
Muitas vezes, esse recomeço sai pior que o anterior.
Que fazer? Vamos recomeçar outra vez,
Vamos virar a página, ou até jogá-la fora.
Mas onde está a mão da professora?
Conduzindo-me para o acerto, acariciando-me os cabelos?
Ah! Ela existe e está sempre ao nosso lado,
Basta olhar um pouco mais para o interior,
Basta confiar em "Algo", que vem lá de cima...
Basta recomeçar na esperança de que tudo vai melhorar.

O grande dia

Julho, inverno,
Frio intenso,
Céu nublado,
Como seus pensamentos.
Ele, trabalhador batalhador.
Ela, garota sonhadora.
Ele, esteio de família.
Ela, voltada para o estudo.
Ele, lutando na labuta do dia a dia.
Ela, tudo lhe era dado:
Carinho, pais afetuosos, irmãos maravilhosos.
Encontraram-se, envolveram-se, amaram-se.
Chega o grande dia:
Igreja enfeitada, um jardim de flores,
Música pelos ares,
Pétalas sobre os convidados,
Tudo a abençoar a união
De dois corações apaixonados.
Ele, lá no altar,
Como um príncipe, a amada aguardar.
Ela, sua princesa, a caminhar,
Num belo vestido a ondular
O vermelho tapete a brilhar.
Com sua longa grinalda a arrastar
E seu buquê de flores a perfumar.
Era um momento encantado,
História de fada parecia,
Selado com a alegria,
Permeado de magia.
Único, talvez, na vida,
Caminho só de ida,
Mas repleto de partida.
Será que existiu esse dia?
Ou foi só ilusão,
Criada pela imaginação
De um apaixonado coração ?

Fim de romance

A você, nada tenho a dizer,
Nem há nada a desculpar,
Nem há nada a perdoar...
Nosso relacionamento foi maravilhoso.
Sonhamos e quanta coisa idealizamos.
Juntos andamos e, nos melhores momentos,
Voamos nas asas da imaginação
E o mundo enfeitamos
Com sentimentos cheios de emoção.
Não éramos dois, apenas, um no encantamento:
Todos os desejos entrelaçados,
Todos os caminhos cruzados,
Toda uma vida, a princípio, traçada.
Mas os ventos do outono chegaram
E, aos poucos, os anseios apagaram.
Os olhos não mais brilhavam,
As mãos se desataram,
As doces palavras se calaram.
E, lentamente, sentimos
Que não mais havia atração,
Que não mais havia o amor.
E, dentro do coração,
Um sentimento de dor.
Saudade, talvez, do já ido,
Tristeza do já perdido,
Que não há como voltar.
Porém a lembrança restou
De tudo que passou...

Alma nas “palavras”

Palavra da terra:

Ara, semeia e colhe.

Palavra do mar:

Água, sal, ondas,

Espumas, conchas,

Peixes, gaivotas.

Palavra do verde:

Tronco, galhos,

Folhas, flores.

Palavra da natureza:

Cantigas de pássaros,

Animais selvagens,

Movimento de pessoas.

Palavra dos ventos:

Brisa, frescor,

Sentimentos,

Sensações indescritíveis.

Palavra leve:

Solidariedade, ternura, conforto.

Palavra do céu:

Azul, nuvens,

Lua, estrelas,

Amor,

Canção do ser,

Melodia celestial,

União de corações...

Ser mais gente...

Como ser mais gente?

Ser **amigo**
Ser **bondoso**
Ser **caridoso**
Ser **devoto**
Ser **educado**
Ser **fiel**
Ser **grato**
Ser **harmonioso**
Ser **iluminado**
Ser **justo**
Ser **livre**
Ser **mediador**
Ser **navegador**
Ser **otimista**
Ser **pacífico**
Ser **querido**
Ser **realizador**
Ser **sábio**
Ser **tolerante**
Ser **unificador**
Ser **cheio de vida**
Ser **zeloso....**

Para "Ser" é preciso :
Ter compreensão
Ter um tempo para o outro
Ter uma verdadeira fé
Ter respeito a todos
Ter confiança na palavra alheia
Ter reconhecimento ao que lhe foi dado
Ter uma atitude equilibrada
Ter mensagens inspiradas

Ter consciência tranquila
Ter desapego
Ter ouvidos para todos
Ter vontade de mudar
Ter um sorriso interior
Ter calma nas decisões
Ter vontade de seguir em frente
Ter conhecimento da vida e dos livros
Ter o perdão como lema
Ter as mãos dadas com os irmãos
Ter um sorriso nos lábios e no coração
Ter a proteção dos céus com a oração

*Se puder, seja mais gente
e tenha uma vida interior melhor.....*

O balanço dos sentimentos

Amor é aventura... Desamor, a apatia
Amor é beleza.... Desamor,o cinza-nublado
Amor é carícia... Desamor,a carência
Amor é divino.... Desamor, o negrume
Amor é esperança... Desamor, o agora
Amor é felicidade... Desamor,a tristeza
Amor é gratificante... Desamor,a monotonia
Amor é harmônico...desamor,a dissonância
Amor é ilusão...desamor, o real
Amor é junção...desamor, a desunião
Amor é liberdade...desamor, a prisão
Amor é motivação...desamor, a rotina
Amor é navegar...desamor, o afogar
Amor é ocasião...desamor, a perda
Amor é pureza...desamor, o interesse
Amor é quilométrico...desamor, o milímetro
Amor é riqueza...desamor, a pobreza
Amor é sabedoria...desamor, a ignorância
Amor é ternura...desamor, a mágoa
Amor é união...desamor, o desenlace
Amor é vida...desamor, o passageiro
Amor é xodó....desamor? Xô!!!
Amor é zelo...desamor, a desordem

Amor...desamor

Balanço de sentimentos

Encontros...desencontros

Eternos...fugazes.

Encontro interior

Busco alegria, encontro tristeza;
 Busco bondade, encontro egoísmo;
 Busco carinho, encontro indiferença;
 Busco dádivas, encontro mãos fechadas;
 Busco esperança, encontro frustrações;
 Busco fé, encontro interesse;
 Busco ganhadores, encontro perdas;
 Busco heróis, encontro o poder;
 Busco inocência, encontro ganância;
 Busco justiça, encontro orgulho;
 Busco liberdade, encontro aproveitadores;
 Busco meditação, encontro a impossibilidade;
 Busco nobreza, encontro pobreza;
 Busco o onírico, encontro a realidade;
 Busco pureza, encontro poluição;
 Busco quimeras, encontro a dureza.
 Busco realização, encontro frustração;
 Busco sabedoria, encontro ignorância;
 Busco ternura, encontro desamor;
 Busco união, encontro, encontro desarmonia;
 Busco a verdade, encontro a falsidade;
 Busco zelo, encontro a desordem

*Busco o exterior,
 Encontro o interior,
 Onde há o procurado e achado,
 Que já está marcado...
 Fácil de encontrar,
 Tudo que há de imaginar,
 Tudo que posso sonhar.....*

Meu “Guru”

Senhor, meu Pai, meu Amigo,
Meu ombro, meu apoio...
Hoje, enquanto andava por aí,
Pensando em todos que me cercam,
E, ao buscar alguma coisa ,
Que pudesse auxiliá-los,
Cheguei à triste conclusão:
Nada poderia fazer,
Não tenho o direito
De interferir no caminho de ninguém...
Mas tenho um segredo a revelar-Lhe,
Algo que vem do fundinho do meu ser,
Sabe, Senhor, descobri ao observar
Tantas crenças por aí,
Que no Senhor se fundem
Tudo que creem, que veneram
Nas mais estranhas religiões:
É o meu guru, ao indicar,
Silenciosamente, o que devo fazer,
Qual caminho seguir,
A palavra a dizer,
Ou calar, apenas ouvir,
Não aconselhar, só sugerir.
É, também, meu Pai,
Que seja Joaquim, ou outro nome,
A carregar-me nos momentos difíceis,
A enxugar minhas lágrimas,
Cobrindo-me de esperanças,
Com doces palavras, como:
“Força, filha, tudo há de melhorar,
Pior que está não fica,
Basta levantar-se, empinar o nariz
Sacudir a poeira, dar a volta por cima,
E continuar, com coragem,
Pois não há bem que sempre dure,
Nem mal que nunca se acabe...”
Em outros momentos,
Quando os males físicos
Tomam conta do corpo,

E as dores latejam
Por todos os poros,
Lá vem o Senhor, meu Curandeiro,
Fazendo benzedeiras fortes
Em todas as partes de meu ser...
Senhor, mais um segredo,
Vou cochichar em seu ouvido:
“Está vendo esta medalhinha?
É o “Sagrado Coração de Jesus”,
Seus olhos brilham,
Suas mãos abençoam.”
Ela é o meu talismã.
Ao segurá-la, nada me acontece,
O medo passa,
A segurança, a confiança
Iluminam-me inteirinha,
É a sua lanterna
A guiar-me pelos tortuosos
Caminhos da vida.
Eis aí, o que todos poderiam,
Se quisessem, encontrar
Pra os problemas sanar
Para tudo acalmar
E nada mais afligir...

Boneca...

Boneca de pano
É só encanto
Boneca de trapo
É só esparadrapo
Boneca de meia
Cheia de entremeio
Boneca de espiga amarela
Como é tagarela
Boneca de louça rosada
Com seu vestido rendado
Com laços enfeitado
toda ela, vaidade
Pensa ser gente de verdade
Bonecas embonecadas
A infância povoam
Quimeras da imaginação
Faz- de- conta da vida
De uma época já ida
De sonhos entremeada
Um mundo maravilhoso
Onde tudo é gostoso
Não existe tristeza
Só caminhos de beleza
Com pedras coloridas
De coisas tão queridas
Boneca quisera ser
Para alegria trazer
Para lágrimas conter
Para as dores apagar
Para felicidade levar

Sonho de simplicidade....

Minas Gerais, Serra da Canastra,
Vale do Céu, sudoeste do estado,
localizado na estrada São João Batista do Glória,
distrito de Babilônia, Delfinópolis,
350 Km de Belo Horizonte, 415 Km de São Paulo...
Natureza exuberante, mar de montanhas,
Como Parque Nacional resguardada,
Com uma fauna e flora, enfeitada.
Assim, como um momento de encanto,
As aves espalham seus cantos,
Com trinados variados,
De acordo com a espécie classificada:
Daí, surgem o anu-preto, o bacurauzinho,
Semelhante a uma coruja, beija-flores,
Bem-te-vis, bico-de-veludo, canários-da-terra,
O carcará, tão famoso, a coruja-orelhuda,
O João-de-barro, a maria-preta, martim pescador,
Patativa, o periquito-rei, o pica-pau-do campo,
A rolinha-roxa, a rolinha-fogo-apagou,
O sabiá, a seriema, o tico-tico, o tucano,
Além do urubu.....
Que beleza sua flora!
Cheias de plantas medicinais
Para os males tratar,
A doença espantar
E as casas decorar,
Com suas cores a enfeitar.
Assim, a manguinha para cicatrizar,
A arnica para dores acabar,
A bicuíba para construir,
A douradinha-do-cerrado
Para os rins funcionar,
O Gravatá para nunca mais tossir
O ipê-amarelo para as ruas arborizar,
O jatobá com sua farinha a nutrir,
A lobeira para geleias preparar.
E tantas outras que não dá para citar.
Mas falta falar do lendário José Barbosa Filho,
De plantas medicinais cultivador e conhecedor,
Acumulando na sua vida,

Profissões variadas, como:
Ajudante de raizeiro, raizeiro, curandeiro,
Palhaço de circo, encarregado da área da construção civil,
Hoje, raizeiro dessa zona rural.
Seus conhecimentos? Pelo avô ensinados
E por um pajé aprimorados.
Mas sua sabedoria foi explorada,
Seus conhecimentos roubados,
Por pessoas gananciosas , interesseiras.
Zé Barbosa hoje fala, com seu olhar sonhador,
Que gostaria de ter
Uma barraca de raízes e plantas
Para a comunidade ajudar
E os males sanar...
Na sua simplicidade, põe-se a ensinar
Que a natureza não serve só para apreciar
Pois somos parte dela a vivenciar.
Ainda resta a sede desta lugar,
Cujas belezas não vão acabar:
Uma varanda a casa a cercar,
Uma rede a balançar,
Uma cachoeira sempre a cantar,
As montanhas a serpentear,
Num infinito caminho, a esverdear...

A vingança

Rio de Janeiro, século XIX,
Além dos saraus, vestidos esvoaçantes,
Uma sociedade movida pelo interesse dominava:
Mais valia o TER , do que o Ser,
Tudo se fazia pelo bem supremo material.
Assim aconteceu com linda jovem:
Aurélia seu nome era,
No subúrbio, vivia,
Com um irmão e mãe viúva, costureira.
Com o amor sonhava e em Fernando encontrara.
Mas, sem dote em sua pobreza,
Por ele foi rejeitada...
Não é que ele encontrara
Em Adelaide o que desejava.
Mas, na vida, há reviravoltas,
E, tudo, num segundo, pode mudar,
E a realidade transformar.
Assim, Aurélia recebeu,
De algum familiar que faleceu,
Uma fortuna vultosa,
Que para ela foi gloriosa...
A Lemos, seu tio e tutor,
Incumbiu da grande missão
Para acabar sua dor:
A Seixas deveria propor
Casamento com uma jovem,
Que um grande dote lhe ofereceria,
Mas a jovem só conheceria,
No dia do enlace,
Isso tudo sem disfarce...
Fernando tudo aceitou,
A grande surpresa se deu,
No momento, em que o noivo reconheceu,
A jovem que abandonou,
E tanto, tanto amou.
A noite de núpcias chegou,
Aurélia, com orgulho e vingança, falou:
Eu, mulher traída, o senhor, um homem vendido...
Nesta triste sociedade, onde domina o poder,
Vence o TER, perde o SER,
Ser feliz não condiz,
Com tudo que se almeja,
Com tudo que se deseja....

Rosinha e Zé Cantor

Grande noite para aquele vilarejo,
Perdido no meio de matas, enormes fazendas.
Era o dia do Padroeiro da Cidade, São Benedito.
Haveria quermesse, com seus cartuchos, danças,
Fogos, além do correio-elegante
Ah! não faltaria também pipoca doce e salgada,
Milho verde, curau, cachorro-quente, churrasquinho,
Refrigerantes, meia-de-seda e quentão...
E lá vai Seu Quinzinho, com sua mulher, Dona Nininha,
Acompanhando em fila indiana, os doze filhos,
Entre eles, destacava-se a mais velha, Rosinha.
Com seus quinze anos, estava para desabrochar.
Como era bela...Apreciada por todos por sua delicadeza.
Um exemplo de jovem, educada, recatada, estudiosa, trabalhadeira.
Era, também, quieta, tímida e muito caseira.
Nos momentos de lazer: costurava, bordava ou lia algum livro.
Gostava de ouvir músicas sertanejas, que lembravam os violeiros da roça.
Até chegou a comprar um violão,
Para que o Zé Cantor a ensinasse dedilhar.
Ele sim, tinha voz, ritmo, um olhar cor do céu.
Sua melodia levava qualquer um a sonhar com céus estrelados,
Noites de luar, barulho de riacho, canto dos pássaros...
Parecia que enfeitiçada a todos com sua voz melosa.
Como não poderia deixar de ser, ele lá estaria,
Para cantar e encantar aquela gente,
Ao som das músicas caipiras e,
Por vezes, algum sucesso do momento.
Deu início o baile esperado.
Rosinha estremeceu, Zé Cantor convidou-a para seu par.
Uma, duas, dez, a noite inteira, bailaram sem parar.
No princípio, enlaçaram-se discretamente.
Depois, foram se abraçando cada vez mais,
As faces foram se encostando, os corpos se unindo...
Seu Quinzinho e Dona Nininha só observavam.
Olhavam-se e, em seus pensamentos, retornaram ao passado:
"Um dia, o mesmo aconteceu conosco...."
*A festa acabou, a noite adentrou,
Mas o sonho continuou...
À casa a família voltou,
Só Rosinha ficou.
Atrás, bem atrás, lá vinha ela,
Não mais só, mas, com Zé Cantor,
A quem entregara o seu amor...*

Sou Diná

Nasci no século passado,
Numa cidade garoenta
E também barulhenta.
Aos livros, minha família amava
E a eles se dedicava.
Uma tia me criou,
Dando a mim e a minha irmã
Uma educação esmerada
E um tanto caprichada.
Os grandes autores me cercaram
E, sem dúvida, me inspiraram
A escrever sem parar
E a tudo observar,
Para histórias narrar.
Muito jovem me casei
E duas meninas ganhei.
Quando o marido perdi,
Tentei a vida seguir
E a Dário conheci.
Com esse companheiro,
Outras terras conheci
E noutras cidades vivi.
Mas o meu mundo encantado
Era a minha imaginação,
Eram histórias criar,
Para todos alegrar.
“Floradas na Serra” apareceu
A leitores entreteu.
E na comemoração
Do quarto centenário,
De minha terra do coração,
“A Muralha” elaborei,
Nem sei como a criei...
Talvez inspiração,
Vinda do coração.
Outras coisas escrevi,
Baseada no que vi,
Experiência do que vivi.
Mas quanta gratificação
Ao ver minhas obras apresentadas

E representadas,
No cinema e televisão.
Isso me trouxe emoção,
Pois grandes atores encarnaram
As diversas personagens
Das páginas dos livros nascidas
E tão bem interpretaram,
Que a todos agradaram.
Nas diversas adaptações,
Minhas histórias cresceram,
Outros momentos apareceram
E à minha criação enriqueceram:
Ora com novos cenários,
Ora com mais personagens.
Mas sempre com muito cuidado,
Para o tema conservar
E a trama não mudar.
Por isso quero dizer
Uma mensagem feliz:
Não há nada melhor na vida
Que uma página em branco,
Para você rabiscar
E textos e mais textos elaborar.
Pra isso basta gostar
De pensamentos encaixar,
Em palavras vindas do coração,
Carregadas de emoção...

HAICAIS

Outono

Assobiam ventos,
Folhas caídas no chão,
Cantos de outono.

Galhos retorcidos,
Suspiros da natureza,
Soluços de outono.

Inverno

Um frio cortante,
Cinzenta a natureza,
Solidão vazia.

Um repouso frio,
Natureza sem encantos,
Ocaso do dia.

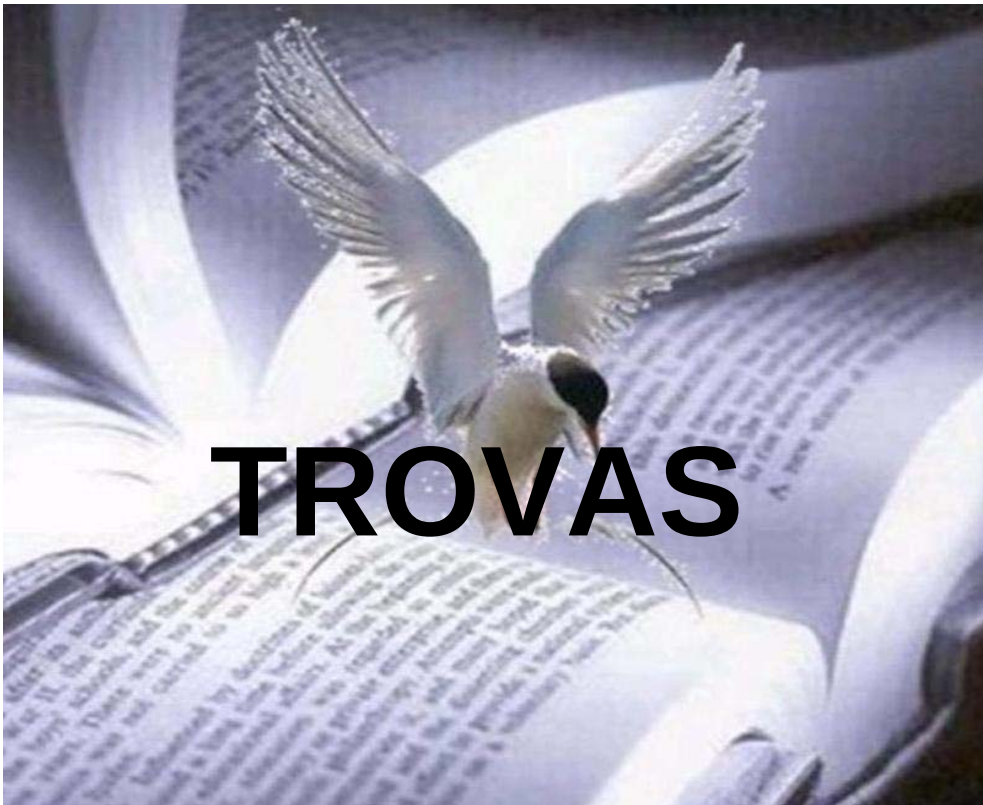
Primavera

Ipês amarelos,
Sonhos de adolescente,
Cor de melodias.

Verão

Risos pela praça,
Alegria pelo ar,
Calor de verão.

Mar dos pescadores,
Água do mar no verão,
Sol, calor e o amor.



Um **bilhete** de amor
Recebi do meu amado,
Espantou aquela dor
De um coração magoado.

Catavento deste engenho,
Leva longe a tristeza,
Com todas dores que tenho,
Pra que eu viva, com certeza.

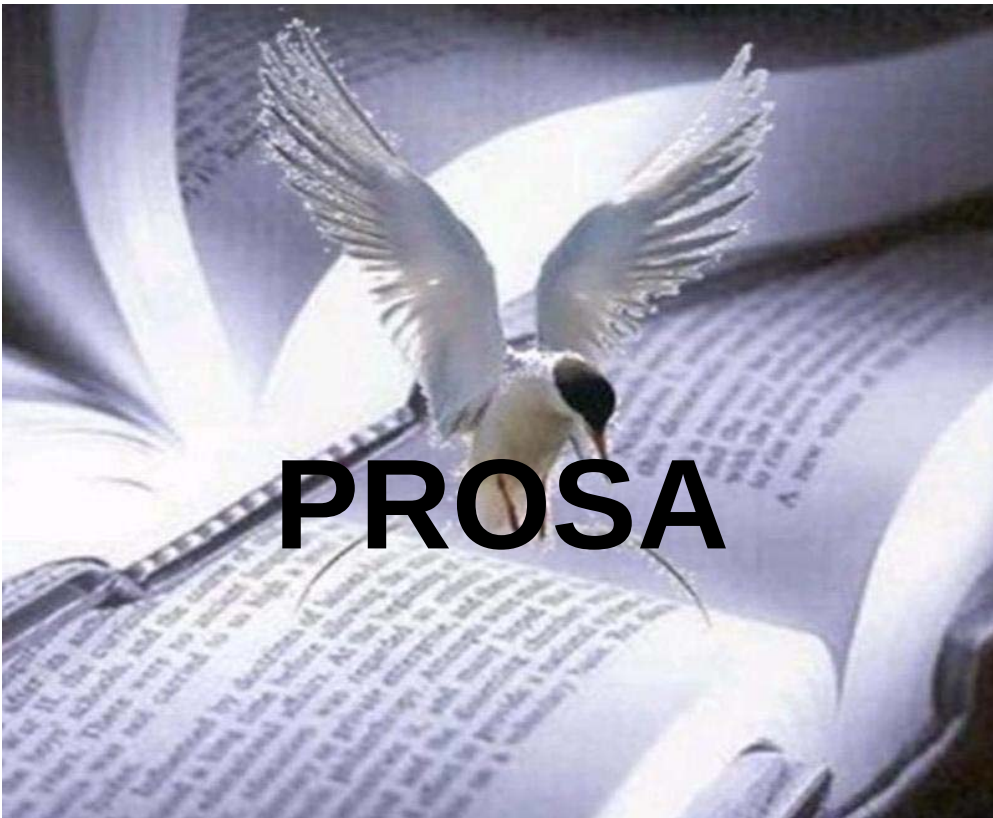
Catavento, traga um sonho,
Quero ser gente feliz,
Pois ando muito tristonho,
Como todo mundo diz.

Catavento, catavento,
Leva toda esta saudade,
Traga-me um pouco de alento,
Eu lhe peço, por piedade.

E lá vai a **benzedeira**,
Pelos caminhos sem fim,
E, também, a curandeira,
Trazendo cura e afim.

Dia **mágico** de amor,
Tão puro no seu encanto,
Com um céu cheio de cor,
E a Terra cheia de canto.

Amor, coberto de pranto,
Saudade de não te ver.
Tão perdido o meu encanto,
Tão cheio de bem-querer.



Alguém fora do comum...

Assim era ele, uma pessoa fora do comum. Sempre elegante: ternos confeccionados com os melhores tecidos; camisas de grife, muito bem passadas, por vezes, em lavanderias de nome; gravatas de seda italiana e sapatos de couro legítimo, assim como o cinto. Seus cabelos eram aparados e cortados no “Soho”, com hora marcada, onde aproveitava para fazer as unhas do pé e da mão. E as loções pós-barba, além dos perfumes estrangeiros deixavam por onde passava uma fragrância divina.

Em sua profissão, ficou reconhecido não só pela inteligência e liderança, como também pela bondade e pela palavra amiga. Trabalhou desde pequeno e, rapidamente, foi crescendo, galgando todos os postos possíveis em sua carreira.

Mas possuía também outros dons...Cozinhava como ninguém. Sempre procurava “alguém famoso no ramo”, para que lhe ensinasse algum toque especial no sabor e na decoração. Colecionava receitas famosas. Uma vez, numa comemoração de família, fez, sozinho, um banquete para cem pessoas. Nessas ocasiões, usava um grande avental, dado por algum conhecido. Porém, o que mais admirávamos, era sua tranquilidade: “Ah!, amanhã, vem cinquenta pessoas...agora, vou dar uma boa cochilada e só, à noite, começarei a temperar as carnes...fiquem sossegados, tudo vai dar certo”. Na cozinha, possuía seus apetrechos. Nestes, ninguém deveria mexer. Bem, todo bom cozinheiro é, também, bom garfo...Assim era ele, saboreava os alimentos com a boca mais gostosa do mundo...

Da mesma maneira que improvisava maravilhosas palestras, deslanchava nas panelas.

Fora isso, espalhava alegria...Suas risadas ecoavam por onde passava...

Felizes daqueles que conviveram com ele: sua vaidade não prejudicou a ninguém; sua ambição só visava ao bem de todos; seu talento só transmitiu conhecimentos e prazeres...

Festa surpresa

Muitos anos se passaram e aquele dia ficou gravado para sempre nas lembranças de Maria.

Queria agradar a todo custo o marido, reconquistá-lo, na esperança de que tudo seria como antigamente.

Casamento desgastado, envolvido em rotinas: ela, sempre preocupada com os filhos, com a casa, com os problemas do dia a dia - contas, mantimentos, material e roupa para as crianças, aulas particulares para reforço escolar, com a escola em que lecionava, entre outros tantos -; ele, sempre fora, dedicando-se de corpo e alma ao trabalho, cada vez mais ausente, saía cedinho e voltava só na hora de dormir, não participava das refeições e, exausto, não desejava saber o que acontecia.

Chegou um momento em que Maria despertou, não seria possível continuar assim: “Onde está meu companheiro?” Onde está aquela pessoa tão carinhosa?”.

Como se aproximava a data de seu aniversário, teve uma ideia, quem sabe daria certo.

Resolveu oferecer-lhe uma festa surpresa.

E, assim, fez: encomendou os doces e salgados, comprou bebidas; o bolo ela mesma faria, o famoso “Floresta Negra”, que tanto gostava; convidou sua família e amigos prediletos; mandou fazer um vestido novo e marcou o cabeleireiro. Ainda mais, pediu a sua amiga, uma pianista de mão cheia, que tocava em restaurantes e happy hours, que trouxesse o seu teclado para tornar o ambiente bem aconchegante.

Enfim, tudo correu perfeitamente...

Mas seria só aquele momento para resgatar todas as lacunas do passado? Tanta coisa passou batida, não percebida. A distância entre o casal cada vez se tornava maior. Nem conversavam mais, nem traçavam sonhos futuros. Haveria ainda um tempo para acertarem o passo?

No dia seguinte, tudo retornou à rotina.

Festa surpresa?....ou Surpresas da vida...

Foi num sonho....

Com o olhar perdido, ouvia os barulhos das ondas, batendo nos rochedos, e observava o bailado das gaivotas, longe...longe... no céu infinito.

De repente, como num encanto, o revi longamente. Estava sentado sobre a areia, com seu short azulado, pernas cruzadas, em posição de ioga, debaixo do velho guarda-sol. Pedi-me que passasse, em suas costas, o bronzeador. Depois, fechou os olhos e tentou meditar. Calou-se, apenas sentia seu interior, nada importava: nem a beleza da natureza, nem os risos dos passantes, nem a algazarra das crianças. Era como se uma paz envolvesse todo seu “eu”.

Neste momento, lembrei-me de que ali, quando éramos noivos, me escrevia poemas, com sua letra caprichada e bonita, talvez, inspirado pelo cenário que nos cercava...

Mas tudo isso não passou de um sonho..., quem sabe para resgatar o que já foi.

Hoje, estou em nossa casa, sozinha, tentando preencher o vazio com imagens imaginadas do passado.

*Vida, curta caminhada
De ilusões enfeitada,
Quase todas desfeitas
Em estradas malfeitas...*

As montanhas verdejantes

Até que enfim estou na minha terra natal: uma cidadezinha mineira, encravada no meio de montanhas; um céu de azul profundo; árvores floridas por todo lado, além dos bem-tratados jardins, repletos de roseiras.

Hoje, vou tirar o dia para passear. Rememorar os recantos esquecidos, ou melhor, guardados em algum canto das lembranças.

Começo por visitar a “Fonte Luminosa”: um belo parque, sombreado pelas aconchegantes folhagens de árvores centenárias.

Ouçõ uma suave canção. Alguém toca na flauta a romântica “Fascinação”. Num dos bancos, um casal de namorados. Olhares brilhantes, mãos dadas, um existindo para o outro. Baixinho, cantam a música.

De repente, vejo-me neles. Cabelos longos, vestido rosa, muito jovem. Ele acompanhava-me. Subimos a serra para observarmos, lá do Cristo, as casas, minúsculos pontinhos brancos. Agora, estamos na “Fonte dos Amores”, representada pela bela escultura dos amantes se entrelaçando, formando um só corpo, uma só alma. Provamos, com as conchas da mão, um pouco de sua água, desejo de união eterna. “Cascata das Antas”, com cuidado, percorremos as trilhas, até alcançarmos suas águas borbulhantes, e, rindo, descalços, andávamos em suas pequenas ondas...

Voltamos para casa...Lá estava mamãe a nos aguardar: “Como demoraram! Esqueceram do lanche? Todos estão lá dentro, esperando por vocês: seu pai, seus tios e primos...”

A mesa posta com deliciosos quitutes: bolo de fubá, rosca, sequilhos, broa, geleia, sucos, café, leite. Além da prosa sem fim: notícias da cidade, histórias de parentes, alguma festa que se realizaria. Nada de tristeza, de conflitos, de desentendimentos...Apenas coisas boas e, às vezes, alguma brincadeira para mexer com o outro.

Volto ao presente. Onde estão todos? Sozinha, caminho. Vejo um rastro de saudades. E a flauta continua a melodia...

Desejos de sonhos

Hoje, estou disposta a vasculhar os arquivos do pensamento. Procuro: mágoas agudas; tristezas profundas; negras depressões; velozes ansiedades; lágrimas doloridas; corações de dores; partidas saudosas; expectativas frustradas; caminhos desviados; marcas de ausências; sinais do tempo nas faces; momentos perdidos.

Trêmula, embrulho-os, rapidamente, em papéis opacos, resistentes, jogando-os nas águas lamacentas do jamais.

Mas as nódoas escuras cravadas tentam permanecer, latejar, querem renascer o desprezível.

Dizem, contudo, que a alegria mora nos sonhos. E quando um sonho se realiza a alegria aparece. Onde? Nas coisas simples da vida: no perfume das flores; no sabor dos frutos; nos pés descalços sobre as areias molhadas; nos sorrisos das crianças; num abraço de amor; no embalo das melodias; nas pegadas presentes de alguém ausente...

Só a alegria apaga o indesejável...E voamos leves com asas de felicidade.

Lágrimas

Encontraram-se, envolveram suas almas, amaram-se perdidamente. Ela, uma humilde garota de periferia; ele, do mesmo bairro, bem-apessoado, ambicioso, queria subir na vida a todo custo.

Um dia, num curso de línguas, conheceu a outra: garota fútil, bem-tratada, filha de um empresário famoso, dono de uma rede de supermercados. Aos poucos, foram se aproximando: barzinhos pra cá, baladas pra lá...

Sem dúvida! Rompeu com a primeira, conseguiu um emprego em um dos supermercados, com um cargo elevado e salário compensador.

Pouco tempo depois, noivaram e logo houve o casamento, com uma festa ofuscante, própria da alta sociedade.

A jovem da periferia ficou no passado, com suas lágrimas e decepção.

Teria sido amor,

Um caso cheio de dor?

Ou aventura passageira?

Que nunca foi verdadeira,

Apenas uma simples ilusão,

De alguém que amou em vão

Atalhos inesperados

Um telefonema, uma notícia: o único irmão vivo de papai, já com idade avançada, internado, com um quadro infeccioso no pulmão.

Devia visitá-lo? Há tantos anos não o via, somente encontrava esporadicamente uma de suas filhas.

Ah! que custava! Um pouco de carinho não faria mal a ninguém.

E, lá fui eu, acompanhada por dois filhos. Combinamos: pouco ficaríamos para não cansá-lo.

Delicadamente, bati na porta do quarto. Ao abri-la, uma jovem senhora, surpresa, indagou-me: “Quem é você?”

Rapidamente, identifiquei-me.

“Ah! perdoe-me, não a reconheci!”.

Também, pudera, há quantos anos não os via.

Ora, ora, após alguns dedos de prosa, instantaneamente vieram ao pensamento momentos do passado: a majestosa fazenda, “

Altamira”, onde moravam em Ituverava; meus passeios tão prazerosos com meu noivo em companhia de minha prima e seu namorado. Ela, tão mimosa: tipo mignon, cabelos loirinhos, e meu companheiro, com aquele elegante terno e seus sapatos sempre lustrosos. E as conversas, tantos sonhos traçados...Que coisa! Como a vida passa num estalo de dedos.

Notei, também, que minha querida tia, apesar da idade, conservava sua beleza e elegância. Fora uma batalhadora. Formou-se no Magistério, para ajudar as filhas e ao meu tio. Além disso, era quituteira de mão cheia. Seus bolos! Divinos

Bem, agora a pior surpresa. Muito gentis, disseram: “Querem vê-lo por um instante? Um adeusinho, apenas, isto o fará feliz.

Ao bater os olhos no tio, espantei-me com sua feição: igualzinha a de papai. Parecia que o estava vendo naquele momento: o mesmo olhar, os mesmos gestos. Respeitosamente, aproximei-me de seu leito, peguei-lhe a mão, e, com carinho, disse-lhe: “Bênção, tio! O Sr. é forte, há de vencer a doença com a coragem que sempre teve!”

Desci o elevador, rumo à saída. Estava feliz por ter revisto os parentes. Sem dúvida, perdidos nos atalhos da vida.

Pinturas de lembranças

Concentrada, esquecida de tudo, admirava as pinturas expostas nas paredes esbranquiçadas do Masp. Por vezes, pensava: "Como um ser humano, feito de carne e osso, foi capaz de elaborar aquele quadro?" E, assim, continuava a caminhar pelos corredores. Nelas, estavam "retratos do poder", sobressaindo as roupas e gestos orgulhosos, ambiciosos; "retratos narcisistas", em que apareciam os próprios pintores; "retratos com cenários", sendo que as pessoas sempre estavam acompanhadas por outros seres, como os de Thomas Lawrence, "Os filhos de Samuel Fluyder". Os olhos azuis e brilhantes das crianças, apesar das feições tristes, me impressionaram muito. Mas foram os "retratos modernos" os meus preferidos. Renoir, com sua famosa tela "Rosa e azul", transportou-me ao passado. Via minha madrinha, tia Nini, mostrar-me uma cópia dessa obra, dependurada em seu quarto, e, ao mesmo tempo, com os olhos marejados de lágrimas, dizia-me: "São os filhos que não pude ter!"

Outro desse grupo, Siqueiros (muralista), trouxe-me ao momento atual, como o retrato da irmã, em que o rosto assumia maior importância. Seus olhos grandes, redondos, fixando o infinito, expressava a insatisfação, o que via não a agradava. O mesmo se dá conosco: quantos conflitos, quantos desajustes, quanta disputa, quanta solidão... Ao mesmo tempo em que as distâncias encurtaram, devido à tecnologia, as pessoas se afastaram umas das outras. O outro grupo, "desconstrução do retrato", transmitia essa mensagem. O homem surgia fragmentado no meio de outras coisas: a arte manifestava fugacidade, angústia...

Não havia mais heróis. Eram as pessoas comuns, sem identidade, com seus temores, suas mágoas, suas tristezas e seus defeitos, que predominavam, aquela perda dentro da massa.

Saí de lá, e, olhando a multidão a transitar pela Paulista, senti-me como as personagens dos quadros, somente mais um nesse todo.

Uma história de amor

Ontem, acabei de ler, “Seda”, do autor italiano, Alessandro Baricco. Sua narrativa, concisa, enxuta, com capítulos curtos, encantou-me.

O enredo segue num crescendo. Trata-se da história de Hervé Joncour, um negociante de bichos-da-seda. O cenário é um vilarejo francês, Lavilledieu, e as ações ocorrem nos meados do séc.XIX. Em busca dos preciosos ovos, parte quatro vezes para o Japão, sozinho, percorrendo a Baviera, entrando na Rússia, percorrendo milhas a cavalo e a pé, até chegar, como dizia, ao fim do mundo.

Lá, encontra uma mulher, com rosto de menina e olhos que não possuíam o corte oriental...sente por ela uma atração inexplicável, pois amava, sem dúvida, sua bela mulher, Hélène.

Na última viagem, foi-lhe entregue uma longa carta escrita com ideogramas japoneses. Procurando a japonesa, Mme. Blanche, ex-dona de um bordel, que já lhe havia traduzido um bilhete, ficou sensibilizado com a belíssima mensagem. No desfecho, descobre que sua esposa, já falecida, havia escrito a carta, passada para o japonês por Mme. Blanche.

Seda é uma história de amor: suave, como o tecido, envolvente na sua trama, fugaz e etérea, como o esvoaçar dos pássaros, que anunciavam as boas novas.

Armadilhas da vida

Numa tarde chuvosa, relia o romance “Senhora” de José de Alencar. E, pensativa, imaginava a situação da personagem Seixas. Como se deixara vender pela ambição. Amor? Não era o principal, mas, sim, o dinheiro.

De repente, transporte-me ao passado. Lembrei-me de uma grande amiga, Carol. Era filha de um renomado professor de Filosofia. Seus pais, descendentes de italianos, traziam no sangue a luta dos imigrantes. Com trabalho e muito suor galgaram na vida. Além de Carol, tiveram mais dois filhos, Isabel, a mais velha, e Cláudio, o caçula. A educação dos três foi esmerada. Estudaram em ótimos colégios e, em casa, tudo girava em torno da cultura.

Adorava estudar com essa amiga. Era tão inteligente! Como tinha conhecimento de coisas que jamais ouvira falar! Fora o carinho que seus familiares tinham por mim: almoços deliciosos, lanches divinos... Às vezes, atrapalhava-me à mesa com tantos talheres ao redor de meu prato. Sr. Francisco, pai de Carol, delicadamente, ensinava-me qual deveria usar, conforme o prato servido, inclusive a tigelinha de prata, onde lavaria as pontas dos dedos, caso fosse necessário. Quase ia me esquecendo: geralmente, nas férias de janeiro, era convidada para ir com eles para Itanhaém. Era tratada como filha...

Carol e eu cursamos juntas a Faculdade de Letras Sedes Sapientiae. Ainda, hoje, tenho uma foto de todas as colegas, sendo que ela estava, bem no meio da turma, tocando violão.

Formamos e cada uma seguiu seu rumo, mas não deixamos de nos encontrar. Até que um dia, ela se apaixonou por uma rapaz pobre, Carlos, mas batalhador. Seus pais não admitiam o namoro, pois ele não pertencia a mesma classe social, era um simples funcionário público, como diziam sem eira- nem- beira. Carol achou uma saída: encontrava-se, às escondidas com ele, e, muitas vezes, esses encontros eram em minha casa. Papai e mamãe não se incomodavam, mesmo porque papai conhecia muito bem Sr. Francisco, uma vez que foram colegas na Faculdade de Direito. Dizia para nós: “Francisco, como bom italiano, quando cisma jamais volta atrás”.

Mas Carol puxou o pai. Tanto quis, tanto quis, que acabou se casando com seu amado. E tudo correu às mil maravilhas. Tiveram dois filhos: Beatriz (lembrando-se de mim) e Eduardo.

Carlos foi, com sua labuta, crescendo na vida. Sempre pensando em Carol e em seus filhos. Queria dar-lhes o melhor. E, pelo seu esforço, acabou sendo muito querido por todos da família de Carol.

Até que um dia, foram convidados a participar em um Congresso de Direito, na Suíça. Ficaram hospedados em um Hotel de cinco estrelas, tratados como se fossem da família real. Porém o sonho pouco durou, pois um desequilibrado pôs fogo nesse hotel, e o casal, infelizmente, não se salvou. Na época, Carol e Cláudio tinham trinta e poucos anos, e seus filhos eram bem pequenos.

Armadilhas da vida...Quando tudo estava tranquilo, partiram...

E vejam só como a vida é cheia de idas e vindas: os filhos de Carol foram criados pelos avós. Mais tarde, seu irmão mais novo, Cláudio, foi colega de meu marido na “Faculdade de Direito”, sendo que, Eduardo, o caçula do casal, foi aluno e orientando de meu companheiro.

Cruzadas, entrecruzadas

são as curvas dos caminhos.

Tudo passa, nada fica,

só as lembranças permanecem

de pessoas das quais não se esquecem...

Carlota, uma humilde camponesa

Lá está Carlota. Sentada na soleira de sua humilde moradia. Vive num vilarejo da França, compartilhando, na labuta diária, com outros habitantes, a luta pela sobrevivência.

Hoje, domingo, descansa, depois do trabalho estafante, no campo de um Senhor Feudal, plantando e colhendo trigos.

Olha, ao longe, e vê as enormes muralhas da Bastilha, pensa com tristeza: "Lá está meu amigo, Jean, faminto. Ao pensar nas crianças, arriscou-se a pegar um pedaço de pão. Por que fez isso? Agora, terá que pagar pela sua falha, talvez, ficará preso para o resto da vida. Para o rei, não há perdão."

Bem, mas isso não é nada, perto do que aconteceu a um oficial da marinha, traído pelo melhor amigo. Este não é como nós, pois pertence a uma classe mais alta, e está lá também, cumprindo uma longa pena, acusado de traição à Coroa.

Ouvi dizer, que, lá na casa de Victor, muitos companheiros estão se reunindo para fazer um levante contra tantas injustiças que estão ocorrendo. Não aguentamos mais os impostos, a opressão por parte dos nobres e do clero, fora a arrogância da Rainha que vive a dizer: "Vocês não têm pão, pois comam bolo". Marat, no seu jornal, vive a denunciar o caos em que vivemos. Basta um de nós abrir a boca, para a guilhotina funcionar. Quantas cabeças inocentes já rolaram!!

À noite, irei à reunião na casa de Victor. Não tenho medo de enfrentar o que for. Se for para lutar por uma situação melhor, sem dúvida, estou disposta a arriscar a vida. Meu desejo é o mesmo de meu povo, queremos "Liberdade, Igualdade e Fraternidade. E, sem dúvida, o primeiro lugar que deve ser atacado é a Bastilha, símbolo de um autoritarismo sem fim.

Epa! Onde estou para deixar meus pensamentos e imaginação voarem deste jeito? Simplesmente, no Convento da Luz, admirando um presépio, localizado em um vilarejo italiano, do século XVIII, com suas humildes moradias e todo um povo a trabalhar: padarias, açougues, artesanato. Vejo, também, mulheres amamentando, lavando roupas em riachos...tanta coisa, que não dá para citar...

Ora, agora compreendo por que criei um novo contexto e até uma personagem...

Mas, aqui entre nós, em todas as épocas sempre encontramos fatos semelhantes, apenas muda o cenário: o povo batalhando por seus direitos e a existência de uma opressão externa.

E o eterno sonho de todos nós: uma sociedade mais justa, sem tantas desigualdades, havendo mais solidariedade entre todos.

Mudança de vida

Lá estava Biela...Sentada no degrau da ensolarada varanda da fazenda do Fundão. Pensativa, olhava de um lado para o outro, repassando cada canto do lugar que tanto amava: o cafezal; o currau; o riacho com o barulho refrescante do monjolo; as humildes habitações dos colonos; o cheirinho gostoso da mata...Parecia ver seu pai, montado no alazão, percorrendo as estradas poeirentas, sempre acompanhado de Zulu, seu fiel cachorro.

Aguardava a chegada de Seu Zé, que a levaria até à Estação de Trem, onde partiria rumo à cidade, para morar com sua prima Constança.

Numa mala pequena e velha, levava seus poucos pertences.

Finalmente, chegou....e, também, chegou a hora de deixar tudo que amava.

Com os olhos marejados, matutava: “Será que vou me acostumar? Sei que Conrado e Constança são boas pessoas, e as crianças, pelas poucas vezes que vi, são carinhosas, brincalhonas e alegres. Mas foi aqui que nasci, e, como as árvores, como as plantas, como cada pedacinho desse lugar, foi aqui que brotei. Meus companheiros e amigos são as aves, os animais, como alazão e Zulu, os roceiros, com seu jeito simples de falar, de andar, de viver. Sentirei falta do vermelhão do céu, no pôr do sol, do cheirinho da sopa, feita no fogão de lenha, da presença de papai, com seu vozeirão arrastado, das cantigas do radinho de pilha...

Mas estou sozinha...não custa tentar. Se não der certo, voltarei para cá.”

Seu Zé acorda Biela dos pensamentos:

-Biela, chegamos à estação. Veja! A velha locomotiva está esperando por você. Boa viagem e tenha sorte. Pode contar comigo se houver alguma desavença. Que Deus a abençoe, minha filha!

E Biela cantarolava baixinho:

*“Adeus, amado rincão,
Que amo de coração.
Jamais te esquecerei,
Um dia, eu voltarei...”*



Natal de família.

Tentem ficar em pé...agora, deem o clássico sorriso, “gessy!!”, para a famosa foto desta” feliz” reunião familiar. Lembrem-se de que só haverá outra no ano que vem. Claro! mais minguada...

Vestido curto, vermelho!

Vestido curto... Pernas roliças.... Olhares, apagão!

A visita

A campainha, corra, coloque a vassoura atrás da porta!!

Fim

Fim de linha! Acorde! desça!

Fim de papo

-Depressa! As horas estão passando.
-Pronto. Só faltava tirar o papo do peru,
agora, pode depená-lo.

Estou numa fossa!

-Eta, Edimílson, ande logo com o conserto.
-Ivanildo, estou nesta fossa escura à procura da linha telefônica...Tá uma dificuldade por aqui.

Essa vida é...

Canção de ninar, cantigas de rua, valsas, tango, samba,
músicas religiosas e prelúdios.

Sobressalto noturno (na cama do casal)

Hummm...! Que cheiro esquisito! Acho que há alguma coisa estragada por aqui.

Amiga Secreta

A senha do cofre? Jamais, é minha amiga secreta.

Foto de família

Família? Só é bonita na foto.

Procura-se

“Pôxa, outra vez, não acho minhas chaves na bolsa...”

Encontros e desencontros

“Nunca encontro o caminho de volta, penso que estou indo pra cidade, mas estou voltando pra casa. Como sou desencontrada.”

Pé de arruda?

Pôxa!!! Aquele verdureiro só me engana. Pedi salsinha e cebolinha e ele, aquele embrulhão, me vende um pé de arruda! Já sei, só pra eu voltar lá...

No embalo da balada

Já contei carneirinho, já fiz relaxamento, escutei músicas New Age, nada ... continuo acordada. O relógio já está dando as 12 badaladas...Quem sabe, consigo dormir no embalo das badaladas...

Crepúsculo

O menino, muito sério, diz pra mãe:
-Manhêêê....O mar está engolindo o céu, e tudo está ficando escuro.

Festa surpresa

“Que temporal! Até parece o dilúvio. Ainda bem que estou chegando em casa. Mas...o quê? Não acredito!!! Minha casa toda inundada! Ora, ora, que festa surpresa, hein São Pedro!?”

Huummm!!!

“Quanta correspondência... princípio de mês, contas e mais contas.... janeiro, mês do susto, dos impostos. Não disse! aqui está à cartinha do leão, huummm!!! o que fazer?”